

“MÃE SOFRE, MINHA FILHA, VOCÊ VAI VER”: MATERNIDADE E
SUBJETIVIDADE NO CONTO “XX + XY”, DE GIOVANA MADALOSSO

“MOTHER SUFFERS, DARLING, YOU ARE GOING TO SEE IT”:
MOTHERHOOD AND SUBJECTIVITY IN “XX + XY” BY GIOVANA
MADALOSSO

Ariane Avila Neto de Farias¹

RESUMO

O presente trabalho reflete sobre a construção da subjetividade do sujeito-mãe no conto “XX + XY”, de Giovana Madalosso (2016). Compreendemos que o texto apresenta uma mulher-mãe que sente o peso dos padrões impostos para o seu fazer materno, mas que, em sua ação, coloca em xeque noções acerca do instinto materno, sugerindo que o “tornar-se mãe” é um processo. A análise do texto contribui para a noção de que a mulher-mãe não deve mais ser compreendida pelas bases do patriarcado, mas, sim, em toda a sua pluralidade de experiências. O debate proposto é realizado com base nos apontamentos de teóricas como Adrienne Rich (1986), Nancy Chodorow (1978) e Elizabeth Badinter (1980).

Palavras-chave: Maternidade, Sujeito-Mãe, Literatura Brasileira Contemporânea.

ABSTRACT

The present work reflects on the construction of the subjectivity of the subject-mother in the short story “XX + XY”, by Giovana Madalosso (2016). It is understood that the text presents a woman-mother who feels the weight of the standards imposed for her maternal role, but who, in her action, challenges notions about the maternal instinct, suggesting that “becoming a mother” is a process. Thus, the analysis of the text contributes to the notion that the woman-mother should no longer be understood through the bases of patriarchy, but in all her plurality of experiences. The proposed debate is based on the notes of theorists such as Adrienne Rich (1986), Nancy Chodorow (1978) and Elizabeth Badinter (1980).

Keywords: Motherhood, Mother, Contemporary Brazilian Literature.

Introdução

¹ Docente do Instituto Federal Farroupilha, *campus* Frederico Westphalen. Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande - FURG. E-mail: arianenetof@gmail.com

A história da literatura nos mostra que a maternidade, entre os séculos XIX e início do XX, é tema que quando não era silenciado, reflexo do total descaso social diante do tópico, era representado de maneira unívoca. Ao retratar um único modo de ser da mulher-mãe, as linhas literárias apresentavam a maternidade da forma como ela era socialmente aceita, delineada pelos padrões patriarcais e, conseqüentemente, em preceitos religiosos. Essa mulher era, dessa maneira, moldada com base na figura da Virgem Maria, feminino abnegado e devotado aos cuidados com os filhos; ela era, ainda, a principal responsável pela socialização das crianças (CHORODOW, 1986, p.102). Tudo isso, acabava por fortalecer o vínculo do feminino com o espaço privado; a casa era o lugar em que essa dedicada maternidade desenvolvia-se.

É a partir de meados do século XX que o debate acerca do fazer materno far-se-á ainda mais presente na literatura brasileira, dando destaque aos textos de autoria feminina. Autoras como Clarice Lispector e Lygia Fagundes Telles colocam o debate acerca da maternidade em novo estágio: para além da mãe “Virgem Maria”, há uma infinidade de “mulheres-mães”. Essas escritoras, ao darem voz ao sujeito-mãe, atentam para o fato de que o “fazer-se mãe” constitui-se em constante processo de encontros e desencontros consigo mesma, assim como é um exercício que se estabelece nas relações vivenciadas por essas mulheres em toda a sua pluralidade. Suas produções ao destacarem o sujeito-mãe, assinalaram a situação de que o amor entre mães e filhos não seria sentimento inato, mas em construção, como afirmado pela teórica Elisabeth Badinter (1986, p. 55).

Na trilha das autoras anteriormente citadas, são muitas as escritoras brasileiras contemporâneas² que, em suas obras, dão destaque ao sujeito-mãe. Em um ato de revisão da história do feminino, essas autoras colocam a personagem mãe como protagonista e narradora de sua história, de forma a que se tenha acesso ao mais profundo inconsciente do sujeito-mãe. Faz-se um movimento em direção a uma compreensão do tema a partir da prática de quem o vive. Nesse viés, essas narrativas exprimem um fazer materno em contínuo desenvolvimento, visibilizando a pluralidade do sujeito-mãe e, assim, expressando novas formas de maternas. Elas também viabilizam um debate sobre as dores e as marcas infligidas na subjetividade feminina

² Escritoras como Carola Saavedra, Conceição Evaristo, Adriana Lisboa, entre outras, apresentam obras em que a maternidade é temática destaque.

pelas imposições comportamentais, modeladas pelo patriarcado, às mulheres-mães (FARIAS, 2021 p. 56).

Isto posto, o presente artigo tem como objetivo a reflexão acerca da construção da subjetividade do sujeito-mãe em “XX+XY”, de Giovana Madalosso, conto presente no livro *A teta racional* (2016). À luz das contribuições das teóricas Nancy Chodorow (1978), Elizabeth Badinter (1980) e Adrienne Rich (1986), debater-se-á sobre como os moldes a que a maternidade foi sujeitada ao longo da história, que colocam a realização dessa como uma atividade compulsória e instituem conceitos como o de “boa mãe” em oposição ao de “mãe má/mãe ruim”, se refletem na constituição da mulher-mãe do conto. Compreendemos que essa noção de maternidade perfeita reflete-se na e pela personagem-narradora de Madalosso (2016), uma mulher-mãe que anseia atender às expectativas sociais no cumprimento de seu papel materno. Nesse sentido, a narrativa aponta as marcas deixadas no feminino do discurso patriarcal que cerceia o fazer materno à benevolência e entrega total de si ao ser gerado. Todavia, a constituição dessa, ao mesmo tempo, questiona os padrões postos e vislumbra uma maternidade mais plural, que reconhece as ambivalências e limites que muitas vezes esse fazer envolve.

A maternidade é uma construção

O discurso da maternidade como ato natural ao feminino se faz presente na sociedade ocidental há bastante tempo. De acordo com a teórica Elisabeth Badinter, em *O mito do amor materno* (1985[1980]), é no século XVIII³ que realizou-se uma substancial mudança na compreensão acerca do vínculo entre a mulher e o fazer materno. Em atendimento aos interesses do patriarcado, à época a maternidade foi reconfigurada tendo em vista os moldes de uma instituição que precisava responder às demandas de um capitalismo sedento pelo necessário crescimento de mão-de-obra⁴. Resumidas à sua fisiologia, as mulheres veem agora na maternidade um de seus

³ É importante salientar que a autora não afirma que a noção acerca do amor materno nasce no século XVIII, mas sim que as modificações socioculturais que aconteciam à época, manejadas pelos sujeitos no poder, instituíram a maternidade como um dever das mulheres. A atividade de cuidado com os filhos, sendo considerada exercício exclusivo do feminino, serviu como mais um artifício de restrição desses sujeitos ao espaço doméstico/privado.

⁴ A autora aponta que, anterior a essa resignificação da maternidade, havia um alto índice de mortalidade infantil, fato nada valioso para o sistema capitalista, uma organização econômica que precisa de um alto número de mão de obra assalariada para a manutenção do grupo dominante no poder.

deveres, que é tanto uma obrigação social quanto um compromisso frente ao seu marido, que verá nos filhos a possibilidade de continuação do nome da família.

Adrienne Rich (1986) postula que para a sustentação da maternidade como dever das mulheres, o patriarcado estabeleceu inúmeras práticas de cerceamento das experiências femininas de modo a designar essa instituição⁵, ao lado da realização do papel de esposa, como uma vocação (BEAUVOIR, 2009[1949]), como uma situação posta como “natural” a esses sujeitos. Nesse sentido, sobre mulher, desde a sua mais tenra idade, afirma-se “que [ela] é feita para gerar e cantam-lhe o esplendor da maternidade; os inconvenientes de sua condição [...] é justificado por esse maravilhoso privilégio de pôr filhos no mundo” (BEAUVOIR, 2009, p. 654). Na mesma direção das afirmações de Badinter (1985), Beauvoir assinala a maternidade como o destino-dever das mulheres, ao mesmo tempo em que sublinha o lugar divino ocupado por essa ao ser embebida por um discurso religioso:

A maternidade torna-se um papel gratificante, pois está agora impregnado de ideal. O modo como se fala dessa “nobre função”, com um vocabulário tomado à religião (evoca-se frequentemente a “vocação” ou o “sacrifício” materno) indica que um novo aspecto místico é associado ao papel materno. A mãe é agora usualmente comparada a uma santa e se criará o hábito de pensar que toda boa mãe é uma “santa mulher” (BADINTER, 1985, p. 222).

Todavia, há fronteiras bem delimitadas pelo discurso patriarcal no que tange ao desempenho dessa mulher mãe; à ela é reservado um única maternidade possível, um padrão que se desenhou a partir da figura da Virgem Maria, exemplo de dedicação ao filho. Dessa maneira, a mulher para ocupar o lugar idealizado para o sujeito-mãe deve, então, cumprir todas as funções atreladas ao ideal de “boa mãe”⁶. Assim, ao lado da dedicação aos filhos, cabe ainda citar a abnegação materna, já que há uma necessária renúncia das vontades da mulher diante dos desejos e o futuro de seus filhos. Incluído nessas imposições também está o casamento tradicional, tendo em vista que a “boa

⁵ No presente trabalho, a referência à maternidade como instituição parte dos apontamentos da teórica Adrienne Rich que sublinha esse fazer como modo de manutenção das mulheres sob o poder do masculino. Os homens colocam a maternidade como compulsória de forma a garantir um corpo dominado.

⁶ Em oposição à figura da boa-mãe tem-se a da maternidade ruim (mãe má). Nesse grupo estão as mulheres que concretizam a maternidade fora dos padrões impostos pela moral do patriarcado: mulheres com filhos fora do casamento, mulheres que não dedicam-se à criação dos filhos, mulheres que questionam os parâmetros a ela dados para a realização materna.

mãe” é aquela que está em matrimônio com um homem e a dedicação ao espaço privado, em nome da construção de um lar feliz e “saudável”.

O peso desses padrões para (o)/no feminino são refletidos no livro de estreia de Giovana Madalosso, *A teta racional* (2016). A obra de Madalosso apresenta diversos contos que colocam a maternidade em destaque tomando como base a representação de um sujeito-mãe que sente física e psicologicamente as cobranças sociais que recaem sobre a mãe, mas que, ao mesmo tempo, refletem, de inúmeras formas, um fazer materno múltiplo que quebra com as amarras da instituição patriarcal determinada para as mulheres.

No conto “XX + XY”, texto que abre o trabalho da escritora, acompanha-se a história de uma mulher inominada, já em seus quarenta anos, que narra a sua relação com a maternidade recente; essa, resultado de uma rápida relação sexual com um homem, também mais velho, que conheceu em uma festa. O relato dessa mulher reflete sobre os momentos pós-gestação — das descobertas e sensações do fazer materno, atividade então por ela desconhecida —, bem como é marcado por ponderações acerca de seu passado recente, rememorando diferentes situações que a levaram à primeira gestação, como o momento do encontro com aquele que seria o pai de seu filho. Pontuamos que a solidão permeia a vida da personagem de Madalosso. Ela é uma mulher que vive agora para o bem-estar da criança de quem é a única responsável; não há proximidade alguma entre o feminino e o masculino, pai da criança, sujeito que para a personagem-narradora parece ter pouca importância neste momento da vida do filho.

Assim, ao sublinhar a sua rotina acompanhada de um bebê que precisa de seu constante cuidado, sua narrativa é perpassada por autocobranças de um sujeito embebido pelos saberes que historicamente edificaram uma maternidade idealizada, demarcada por valores patriarcais. Mesmo a idade com que gera o primeiro filho é apontada pela narradora-personagem enquanto um problema, tendo em vista que ela estaria lutando contra as ações do tempo em seu corpo, como apontado pelo excerto a seguir: “as meninas continuam amadurecendo para a maternidade aos doze anos. E o preço por ignorar a companhia do corpo e ter um filho décadas mais tarde é alto [...]” (MADALOSSO, 2016, p. 15). Em seus quarenta anos, amedronta-a o fato de que, talvez, já não tenha a energia e a presença esperadas da mulher na criação de seus filhos.

Ela reconhece que é demandado das mulheres uma maternidade ainda em sua juventude — um corpo controlado e com “validade”, em que a entrega total de si seja possível.

Logo de início o debate acerca da afirmação da existência de vínculos simbióticos entre mães e filhos, critério que serviu também de forma a distinguir as boas das más mães como assinalado por Badinter (1985), e do peso que essa afirmação traz ao feminino é apresentado. O trecho abaixo sugere o modo como ações simples do dia-a-dia precisam ser reorganizadas pelas mulheres-mães, principalmente as mães-solo, de maneira a estarem sempre atentas às demandas da criança:

[...] A mãe tem que por o bebê pra arrotar depois de cada mamada. E era isso que eu estava fazendo quando me deu uma baita vontade de ir ao banheiro. Eu já tinha voltado da maternidade. Estava em casa, sem ninguém pra me ajudar. Fui com meu filho no colo até o banheiro, abri a calça e sentei na privada. Caguei. E, enquanto isso ele regurgitou no meu colo. Um jato de leite azedo que escorreu pelo meu braço e pela minha barriga. Quanto tentei me limpar ele se mexeu de um jeito brusco e abriu a ferida do meu peito, que estava rachado. Comecei a chorar. E meu filho, sempre em simbiose comigo, chorou também. Nos acolhemos, nos grudamos um ao outro. Uma bola de fezes, vômito e sangue, lágrimas e muco se amando intensamente (MADALOSSO, 2016, p. 12-13).

A personagem-narradora é uma mulher que se vê escravizada à vista de seus novos afazeres de uma rotina doméstica adaptada ao filho. De acordo com Chodorow (1978), a concepção simbiótica entre mãe e filho serviu para disseminar a noção de que o sujeito-mãe não existe em sua individualidade e de que, obrigatoriamente, a subjetividade dessa mulher estaria imbricada no exercício do cuidado e do zelo para com o outro. Para tanto, afirma a teórica, que de maneira a postular o elo da mãe com seus filhos de maneira única, marcado pela certeza da proximidade, amor e cuidado, diferentes discursos (religioso, médico, econômico, político, etc) uniram-se para consolidar a natureza instintual da maternidade.

A maternidade enquanto instinto, bem como a certeza de que o amor é o único sentimento da mãe em relação ao filho foi, como pontuado por Badinter (1980), fortalecido a partir do século XVIII, com a ascensão da concepção da família moderna, tendo sido a publicação de *Emílio ou da educação*, de Rousseau, em 1762, como marco. À vista das novas organizações e demandas sociais, dentre elas o capitalismo nascente, às mulheres é, então, reafirmada a sua necessária dedicação ao espaço privado e, por consequência, ao cuidado com os filhos da nação, sujeitos que trariam benefícios à

sociedade. Pontua-se que essas ações foram apresentadas como promessa de igualdade e felicidade às mulheres, de modo que as mulheres burguesas, na ânsia de encontrar sentido à suas vidas, foram as primeiras a tomarem a criança como uma responsabilidade pessoal (BADINTER, 1980, p. 70).

Os reflexos desses valores são até hoje sentidos. Rich (1986) assinala que as mulheres assimilam em sua rotina “aquelas qualidades que são supostamente [...] inatas: paciência, autossacrifício, a vontade de repetir infinitamente as pequenas tarefas rotineiras de socializar um ser humano” (1986, p. 36, tradução minha). Nesse sentido, a personagem criada por Madalosso personifica o exposto pela teórica estadunidense ao colocar as suas necessidades em segundo plano quando o filho parece dela precisar. O trecho abaixo sugere o afirmado:

Quando amanheceu, liguei para o pediatra, ansiosa por um alento, por uma medalha de honra na minha farda azeda de leite, e também por uma alívio, por uma autorização para minha teta ferida bater em retirada, mas o que ouvi foi apenas: pode continuar, não tem problema ele beber o teu sangue. Posso pelo menos tomar um analgésico?, perguntei. Não, ele disse, o analgésico passaria para o leite, não é bom para o bebê. Entendendo quem era prioridade naquela história que se repetia desde o surgimento do homem, voltei para a cama e dormi sem nem tirar os chinelos (MADALOSSO, 2016, p. 16).

Após mais uma noite solitária de cuidados dedicados à criança, esse sujeito-mãe liga para o médico em busca de auxílio frente à situação ocorrida na noite anterior. Enquanto amamentava o bebê, ela teve seu seio mordido por esse que tomou junto do leite um pouco de seu sangue. Como por ela mesma apontado, ela “busca alento” diante da dor causada, bem como da preocupação gerada pelo sangue bebido por seu filho, contudo a conversa com o médico só gera a certeza de que as suas condições agora vêm em segundo plano. Como pontuado por Chodorow (1978), é dessa secundarização das vontades e necessidades femininas que está alojada a imagem da boa mãe, a que será plenamente responsável pelo bom desenvolvimento da criança.

Se o cuidado físico e psicológico com a criança prevalece ao da mãe, esta mulher perde todo e qualquer direito a atividades que, de algum modo, relegam a dedicação ao filho a um segundo plano, como exposto pela própria personagem ao pontuar que “nenhuma mãe recém-nascida” pode afirmar estar realizando atividades banais, como a leitura de um livro, à vista do fato de que as ações dedicadas ao bebê,

Revista de Letras Norte@mentos

como a da troca diária de fraldas são as que realmente a acompanham a partir do nascimento de seu filho (MADALOSSO, 2016, p. 23-24).

Os apontamentos da mulher-mãe na narrativa de Madalosso (2016) sobre a sua rotina, contudo não se dão de modo vazio ou sem reflexões sobre as frustrações que o peso das expectativas nela depositadas causam. No discurso dessa mãe, acompanha-se o reconhecimento das mudanças que a experiência causa (e que ainda irá causar em sua vida), como reconhecido pela personagem no trecho abaixo:

É uma experiência tão acachapante que até a barriga demora para se tocar que algo aconteceu. Ela fica lá, grandona e oca, iludida de que ainda está cheia, de que ainda está abrigando alguém, e só algum tempo depois volta ao normal. A mulher também demora para voltar ao normal e, assim como a maioria das barrigas, nunca mais será a mesma. Eu estava exatamente nesse estágio, deitada na cama da maternidade, ainda fedendo a placenta, ainda me adaptando à minha nova realidade [...] (MADALOSSO, 2016, p. 11).

Diferentemente do discurso patriarcal que romantiza os mais diversos aspectos físicos que se modificam nas mulheres-mães⁷, a mãe do conto de Madalosso, refletindo sobre as mudanças após o parto, salienta as alterações de seu corpo, que de muitas maneiras também refletem o modo como ela vai sendo psicologicamente transformada pela nova experiência. As modificações por ela sentidas marcam o fato de que ela perdeu-se de si mesma, não há um controle de suas ações com relação ao seu filho. Essa compreensão de perda corrobora para a desmistificação do fazer materno; o seu discurso sugere um fazer ambivalente, para além daquele reconhecido socialmente, unicamente marcado pelas alegrias e glórias do encontro entre mãe e filho; ser mãe dói, sendo um ato também de desencontro. É na identificação e na demonstração da dor e da solidão materna que a ação materna também reside, tendo em vista que essa possibilita a ressignificação da maternidade.

De acordo com Farias (2021), a segunda onda do movimento das mulheres trouxe à luz discussões que possibilitaram o questionamento dos padrões impostos, estabelecendo uma (re)leitura da maternidade enquanto instituição de dominação

⁷ Em uma sociedade em que padrões rígidos de beleza são instituídos ao feminino, o corpo da mulher-mãe é o único que é dada permissão de fuga a este modelo. O dever da maternidade imbui o feminino de um *status* divino, à vista do fato de que as mulheres grávidas estão cumprindo o seu papel social no patriarcado.

patriarcal⁸. Assim, ao denunciar as amarras impostas à figura materna, as diferentes correntes feministas da segunda onda buscaram trabalhar sob a égide da desconstrução da ideia de essência feminina-materna, reafirmando a pluralidade das mulheres e expondo que a capacidade e a habilidade da figura feminina para a maternidade acaba, pelos mecanismos de gênero, sendo internalizada em sua estrutura psíquica (CHODOROW, 1978, 86).

A dualidade da maternidade, fortalecendo a ideia já neste artigo apresentada de que o amor materno não é algo inato, é também sugerida no modo como em alguns momentos a personagem se refere à criança, apresentada como um parasita de seu corpo — “lembro que pensei num parasita. Num ser apegado à vida, mesmo sem saber o que é a vida. Sem aguentar mais a dor, arranquei-o de mim e fechei a camisola (MADALOSSO, 2016, p. 16). Esperamos da mulher-mãe um tratamento carinhoso em relação ao seu filho, entretanto essa mãe pontua, ao utilizar esse termo para se referir à criança, os danos a ela causados por um sujeito tão dependente dela. A criança é a responsável pela mudança de sua vida; é consequência de sua vinculação a pessoas desconhecidas, bem como causadora de situações a que ela não se sente à vontade em passar.

Há ainda a total desconstrução do momento da amamentação. Ação sagrada para a maternidade, que deveria ser realizada em espaço privado, defendida pelo discurso religioso, desde o século XVIII como um dos atos responsáveis pelo estabelecimento de vínculos entre mães e filhos⁹, e que se não cumprida é motivo de castigo das mulheres, já que estas estariam “corrompidas pela falta de fé [...] em desencontro com os mandamentos divinos” (FARIAS, 2021, p.35), a amamentação é para a personagem o instante de reforço da dor que a acompanhará diante do desconhecido. O sangue que escorre de seu seio é também a lembrança da anulação de seus desejos, da anulação de sua subjetividade diante desse “ser apegado à vida” e que dela espera, mesmo que inconscientemente, o atendimento de suas vontades. O bebê é a prioridade “naquela história que se repetia desde o surgimento do homem” (MADALOSSO, 2016, p. 16),

⁸ Pontua-se o reconhecimento de que as portas para essa discussão foram ainda abertas pelas feministas da primeira onda, de modo que as suas lutas trabalharam no sentido de revisar conceitos envolvidos no fazer materno.

⁹ Na atualidade, a amamentação é já também um ato cooptado pelo capital, de modo que a indústria, na ânsia de vender fórmulas milagrosas para o crescimento infantil, crucifica o ato da amamentação em público. Há ainda a manutenção de uma licença maternidade muito curta para as mães que trabalham, que demanda uma organização que muitas vezes acaba por ter que privilegiar o desmame mais cedo.

admite a mulher ao ouvir do médico que não poderia nem mesmo tomar um remédio para dor, já que este poderia interferir na saúde da criança.

Assinalamos que àqueles que de algum modo acompanham a sua vida materna, como o médico, a mãe do pai de seu filho e outros, não há menção aos questionamentos e ambivalências que o cuidado com o filho geram. Para eles, ela precisa mostrar estar cumprindo com o que é esperado dela, afinal de contas, eles também não entenderiam o que ela passa como mãe. Todavia, o leitor será tomado como o seu principal mecanismo de escuta; é a ele que essa mulher confia os seus mais profundos sentimentos. No diálogo com esse, ela apresenta as suas maiores angústias, medos, bem como admite os limites que esse fazer a imporá e o modo que entende que deve se comportar para que minimamente consiga transitar nos diferentes espaços, como sugerido pelo trecho que segue: “[...] eu sou uma mulher dentro do recorte de uma janela, de um prédio, de um condomínio, de um bairro, de uma cidade. Eu tenho que fingir que quero dançar com o meu bebê no colo para encontrar com algumas pessoas” (MADALOSSO, 2016, p. 20). É para o leitor que ela confessa o reconhecimento de que assumir o papel de mãe é a sua única alternativa, já que é nele que reside a aceitação da sociedade de sua existência enquanto mulher (BADINTER, 1985).

Como já assinalado, a linguagem dessa mulher-mãe move-se para a desconstrução dos valores que circundam a mulher-mãe: o modo sincero e as palavras que usa para se referir ao processo que passa, bem como à criança gerada estão longe daqueles esperados ao sujeito-mãe modelo. Os questionamentos em relação à maternidade ficam claros inclusive no momento em que ela reflete sobre o momento em que ficou grávida:

[...] Às vezes eu ficava olhando para o meu filho e pensando o que ia dizer quando ele me perguntasse como conheci o pai dele. Ou, pior ainda, o que ia dizer se ele me perguntasse em que situação ele foi concebido. Porque a verdade, claro, não envolve flores nem serenatas. Tampouco amizade ou singelo desejo de maternidade por trás de uma inseminação. A verdade, eu teria que dizer para ele, é que a mamãe andava tão a fim de dar que abriu as pernas para um cara de quem ela nem sabia o nome (MADALOSSO, 2016, p. 25).

Diferentemente do que se espera da situação que circunda a maternidade, de acordo com a narradora, ela só havia cruzado “com um macho sem dinheiro, inepto

socialmente, com uma perna mais curta que a outra [...]” (MADALOSSO, 2016, p. 24), vindo a gerar uma criança, sem planos e prospecções. Ao desmistificar o ato sexual, que não é mais ação regida por valores religiosos de procriação e encontro do feminino e masculino no casamento, a personagem-narradora sugere a urgência de se repensar esse fazer em sua totalidade, como uma ação embebida de valores culturais do patriarcado que aprisionam as mulheres. Na percepção de que as regras impostas pela maternidade patriarcal, a narradora, ao contatar o pai da criança, reconhece a ânsia por vingança “por ele não ser mulher e não estar passando por tudo que eu estava passando” (MADALOSSO, 2016, p. 25).

Do mesmo modo, o discurso crítico frente ao ideal da boa mãe é percebido em outras situações apresentadas durante o conto, como quando a personagem, em um dos seus momentos de angústia, após o filho dormir, na busca desesperada por um meio de acalmar-se, encontra no charuto perdido “no fundo de uma gaveta” a possibilidade de deixar de ser ela mesma por alguns segundos. Aos prantos, na cozinha “às três da manhã com as tetas de fora [...]”, ela “[...] ainda estava mal” (MADALOSSO, 2016, p. 25), percebendo-se uma imbecil por ter ela mesma se colocado na situação agora vivenciada.

Ana Luiza Figueiredo Souza ao analisar a obra de Madalosso (2016) sinaliza que essa vai ao encontro dos “reflexos de uma cultura que, na busca constante por veracidade” (2018, p. 102), deseja vivenciar a vida do outro de maneira cada vez mais íntima. Nesse ponto de vista, as descrições sobre o fazer materno, em “XX+XY”, delineiam detalhes que há muito eram ocultados, sendo vivenciados apenas pela figura materna. Ao sugerir uma maternidade permeada pelo cansaço em seus mais variados níveis, o fazer materno vai sendo aproximado à realidade. De acordo com Souza,

[...] A demanda por descrições "mais realistas" da maternidade é uma constante, suprida por relatos em tom confessional, envolvidos por culpa. Desde o último terço do século XVIII, no contexto ocidental, a culpa caracteriza um importante elemento da construção da imagem materna, atuando também como recurso coercivo para que a mulher exerça uma maternidade a mais próxima possível da que é socialmente estabelecida como desejável [...] (FIGUEIREDO SOUZA, 2018, P. 103)

O conceito de “maternidade real” será, então, fundamental para entonar os aspectos referentes à culpa materna. Na narrativa de Madalosso (2016), é possível perceber que há certas negociações entre o que se deve fazer frente ao filho e as vontades da narradora. Ao escolher fumar o charuto, a personagem sabe que errou, mas há o reconhecimento dos caminhos que levaram a tomada de tal decisão - é importante que aquele a quem ela confia a sua vida materna saiba pelo que ela está passando.

Com o objetivo de ressignificar o que se entende enquanto o fazer materno, Rich (1986) pontua que maternidade é a palavra que melhor explica a instituição estabelecida pelo patriarcado, seria essa a palavra que designa o modo como as mulheres são reduzidas por suas características biológicas e dominadas, através de seus corpos, e enclausuradas ao espaço privado pelo sistema de dominação masculina. Ela, então, disserta acerca da necessidade de se pensar sobre esse fazer como um sítio de empoderamento feminino, ou seja, uma experiência materna definida e centrada pela e na mulher, o que levaria o conceito para outro nível que não aquele que “[...]marginalizou e degradou as potencialidade femininas” (RICH, 1986, p. 13, tradução nossa). Rich então propõe o conceito de “maternagem” que, de acordo com ela, carrega uma noção coletiva do fazer materno, já que este é também um exercício político. Suas reflexões sublinham a necessidade de uma superação da maternidade como foi fundada pelo patriarcado, já que essa seria uma das formas mais cruéis, ao lado da prostituição e do estupro, de opressão feminina.

Essa última perspectiva coloca em destaque uma maternagem politizada (RICH, 1986), que clama por um protagonismo feminino na sociedade sem mais estar atrelado a valores padrões tradicionais de mulher e da família. Rich (1986) reforça essa noção ao pontuar que um novo olhar para a maternidade é também um caminho para as mulheres (re)possuírem os seus corpos há tanto dominados pelo masculino. Ao retomar o conceito tecido por Rich, Andrea O’Reilly (2004) também pontua que ao compreender que o primeiro contato da criança com o mundo e as diferentes sensações por ele proporcionadas são realizadas nas trocas com a figura materna, a autora acredita na possibilidade dessa relação ser o início para a construção de uma nova visão de sociedade, acrescentando a ideia de que a mãe deve ser instrumento para a desconstrução das vigentes relações de poder.

Ao encontro do afirmado por Rich (1986) apontado, a narrativa de Madalosso (2016), como muitas narrativas contemporâneas escritas por mulheres, proporciona um entendimento de que essas novas ópticas sobre o papel da mulher dão a possibilidade para abertura de um diálogo aberto entre as diferentes instâncias e sujeitos que fazem parte de todos os processos que constituem a maternidade, referendando a ideia de que a reprodução humana não é um fato atemporal, mas aspecto que deve ser pensado a partir do momento histórico em que está inserido.

A personagem-narradora do conto “XX+XY” (2016) vive uma maternidade solo não desejada, cerceada pelos valores socioculturais que delimitam esse fazer enquanto essência feminina e que, ao possibilitar ao leitor o acesso a seus mais diversos sentimentos com relação à maternidade, o convida a questionar esses valores que a desestabilizam e a levam ao cansaço extremo. O leitor é por ela desafiado a colocar em xeque as certezas pré-estabelecidas acerca de que a felicidade mais completa das mulheres reside nesse fazer. Dessa maneira, essa mulher-mãe mostra-se instrumento para o processo de desnaturalização das atribuições dadas às mulheres na organização sexual da sociedade. Isso destaca o fato de que as mulheres são indivíduos únicos que não podem ser tomados com base em conceitos universais de feminilidade, o que, imediatamente, impossibilita a redução da maternidade a um único modo de exercício, o da boa maternidade.

Considerações Finais

O debate proposto baseou-se na noção de que a crescente discussão sobre a maternidade e o sujeito-mãe promove não só uma nova percepção de mundo, mas uma mudança no quadro de referências e critérios na avaliação de fenômenos sociais. Madalosso, em seu conto, pontua o total apagamento da subjetividade da mulher quando no cumprimento de seu papel materno. As angústias do feminino durante todo o processo que envolve o fazer materno são expostas, não é à toa que a personagem do conto expõem o seu medo ao perceber que toda e qualquer atitude sua interfere diretamente na constituição da criança que é responsável.

Assim, no decorrer do presente artigo, buscou-se demonstrar que há uma representação da maternidade e do sujeito-mãe que promove uma reflexão acerca dos padrões determinados a ambos no conto “XX+XY”, narrativa que compõem a obra *A*

teta racional (2016), de Giovana Madalosso. A mulher sem nome da história que se lê sofre com as imposições da idealização da “boa mãe” em que falhas não são possíveis e em que sentimentos diferentes do amor e da entrega total à criança não são permitidos. A narradora-personagem de Madalosso poderia ser qualquer mulher-mãe em nossa sociedade.

Com a análise do conto de Madalosso (2016), mostramos que ressignificar essas temáticas, que, como aqui demonstrado, sempre estiveram sob a égide do patriarcado, significa também revisar e repensar aspectos urgentes como a sexualidade e o processo de construção da subjetividade feminina, possibilitando uma abertura para a compreensão da multiplicidade na qual o sujeito feminino se constitui.

Todavia, percebemos que em “XX+XY” (2016) encontra-se uma experiência feminina que habilita a emergência de uma maternidade não mais resumida à noção de dever feminino, ao mesmo tempo em que pretende desconstruir a ideia de um instinto materno ao qual todas as mulheres, há longo tempo, são reduzidas, evidenciando as marcas infligidas a essas a partir da edificação de uma maternidade perfeita em que a abnegação e o silenciamento colocam-se enquanto comportamentos únicos e necessários.

Compreendemos que a problematização dos modelos impostos ao feminino, como a realizada pelo conto, ressignificam os seus corpos e os espaços em que transitam, dando um novo sentido ao fazer materno. Apreende-se que a mulher-mãe apresentada pelo conto de Madalosso (2016), de algum modo, é também sujeito que resiste e subverte a realidade opressora de sua vida, principalmente por ser um feminino que toma o protagonismo de sua história, ao expor as marcas deixadas pelo discurso patriarcal que a resume aos seus aspectos biológicos.

Reconhece-se que o debate sobre a maternidade não se esgota na análise realizada, tendo em vista a relevância e amplitude dessa temática, que perpassa a constituição da subjetividade feminina. Este artigo foi produzido baseado na compreensão da importância do estudo incansável sobre um feminino desatrelado dos padrões que lhe foram historicamente impostos, o que possibilita que esse sujeito seja apresentado em suas múltiplas faces e experiências.

Por fim, entendemos que não se pode afirmar que os padrões impostos à mulher-mãe, sendo um deles a própria maternidade enquanto instituição compulsória e

vinculada a mais alta expressão da feminilidade, foram refutados pelo conto de Madalosso. Todavia, os debates empreendidos na atualidade, como o conto aqui analisado sugere, bem como os demais textos encontrados em *A teta racional* (2016) demonstram um caminho de possibilidades para a constituição de um feminino que, ao expor o peso de um fazer materno construído por um discurso patriarcal, considere variadas formas de expressão de sua subjetividade, sua sexualidade(s) e sua corporalidade.

Referências

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*; tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Trad. Sérgio Milliet. 2. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009[1949].

CHODOROW, Nancy. *Psicanálise da maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher*. Rio de Janeiro: Editora Rosa do Tempo LTDA, 1978.

FARIAS, Ariane Avila Neto de. *Nada é natural na natureza: a construção narrativa do sujeito-mãe na Literatura Brasileira Contemporânea escrita por mulheres*”, 233 f. Tese (Doutorado em Letras). Instituto de Letras e Artes. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande., 2021.

MADALOSSO, Giovana. “XX+XY”. In: *A teta racional*. São Paulo: Grua, 2016.

O'REILLY, Andrea (org.). *From motherhood to mothering: the legacy of Adrienne Rich's of Woman Born*. Albany: State University of New York Press, 2004.

RICH, Adrienne Cecile. *Of Woman Born: motherhood as experience and institution*. New York: W. W. Norton&Company, 1986.

SOUZA, Ana Luiza de Figueiredo. *Contos da Maternidade: As Novas Dinâmicas Maternas na Literatura Brasileira Contemporânea*”. In: *Revista Cadernos da Escola de Comunicação* , vol. 16, nº. 1, p. 96 – 111, 2018.

Recebido em 25/01/2023

Aprovado em 10/05/2023

Revista de Letras Norte@mentos